

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURA

DIVINA DO AMARAL

**A IMPORTÂNCIA DO DISCURSO ESTÉTICO PARA FORMAÇÃO
LITERÁRIA DA CRIANÇA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2018

DIVINA DO AMARAL

**A IMPORTÂNCIA DO DISCURSO ESTÉTICO PARA FORMAÇÃO
LITERÁRIA DA CRIANÇA**

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura” - Orientador: Prof. Dr. Cristiano de Sales

CURITIBA - PR

2018



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



TERMO DE APROVAÇÃO

A IMPORTÂNCIA DO DISCURSO ESTÉTICO PARA FORMAÇÃO LITERÁRIA DA CRIANÇA

Por

DIVINA DO AMARAL

Monografia apresentada às 18:00, do dia 28 de setembro de 2018, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, Turma , ofertado na modalidade de Ensino a Distância, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

CRISTIANO DE SALES
UTFPR - Curitiba
(orientador)

MARCELO FERNANDO DE LIMA
UTFPR - Curitiba

ROGERIO CAETANO DE ALMEIDA
UTFPR - Curitiba

"as narrativas recontadas pelos velhos da aldeia é pura literatura, porque têm essa função de jogar quem escuta no coração do mundo".

Daniel Munduruku

AGRADECIMENTOS

Ao professor, Cristiano de Sales, pela paciência e orientação neste trabalho.

À Mônica, pelo apoio didático e emocional durante todo percurso do curso.

RESUMO

AMARAL, Divina. **A IMPORTÂNCIA DO DISCURSO ESTÉTICO PARA FORMAÇÃO LITERÁRIA DA CRIANÇA**. 2018. 26f. Monografia (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre a importância do discurso estético nos textos literário infantojuvenil. Apresenta inicialmente uma revisão crítica da história da literatura infanto-juvenil, segundo Lajolo& Zilberman (2007), e caracteriza os elementos do discurso estético a partir de estudos teóricos como: Perotti (1986), Rezende e Sadroni (in SERRA,2001). Foi feito, também, uma análise das diferenças entre o discurso estético e os discursos utilitário e utilitarismo “às avessas”, além de apontar a presença do discurso estético na obra kabá Darebu de Daniel Munduruku.

Palavras-chave: Literatura Infantojuvenil. Discurso Estético. Kaba Darebu

ABSTRACT

AMARAL, Divina. **THE IMPORTANCE OF AESTHETIC DISCOURSE FOR LITERARY TRAINING OF THE CHILD**. 2018. 26f. Monografia (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

The present work presents a theoretical reflection on the importance of aesthetic discourse in children's literary texts. It presents initially a critical review of the history of children's literature, according to Lajolo & Zilberman (2007) to characterize the elements of aesthetic discourse were studied theorists as: Perotti (1986), Rezende and Sadroni (in SERRA, 2001) was also made a detailed analysis of the differences between aesthetic discourse and utilitarian and utilitarian discourses "backwards", in addition to pointing out the presence of aesthetic discourse in Daniel Munduruku's Kabá Darebu.

Palavras-chave: Children's Literature. Aesthetic speech. Kaba Darebu

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 LITERATURA INFANTOJUVENIL: BREVE HISTÓRICO.....	10
2.1 Literatura Infantil Brasileira.....	11
3 DISCURSO UTILITÁRIO E O “UTILITARISMO ÀS AVESSAS” VERSUS DISCURSO ESTÉTICO.....	14
4 O DESPONTAR DO DISCURSO ESTÉTICO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL.....	17
5 ANÁLISE DA OBRA KABA DAREBU DE DANIEL MUNDURUKU.....	21
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	26

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por finalidade destacar a importância do discurso estético nos textos da literatura infantojuvenil para a formação literária da criança, pois os textos que priorizam o discurso estético estimulam a capacidade de questionar e analisar de forma racional, além de estimular a sensibilidade, ou inteligência sensível.

Perrotti (1986) admite que não é fácil para um autor romper com certos paradigmas tradicionais, pois apesar da aspiração em melhorar, ainda há inúmeros autores importantes, que se rendem ao “modelo narrativo tradicional”.

Portanto, na literatura não é possível fornecer um termômetro com as especificidades de uma obra. Segundo Perrotti (1986), mas, é mais fácil delinear as obras que estão a serviço do utilitarismo. Elas estão a serviço da burguesia, pois têm a função de propagar ideologias de uma classe ou uma cultura. Já as obras consideradas “utilitarismo às avessas” são impulsionados pelo mercado consumidor. Apesar de negarem que o discurso está a serviço de um exclusivo interesse por uma clientela, seja ela qual for, mas quando analisadas mais intrinsecamente, percebe-se que há um discurso que parece se voltar à introjeção de valores que levam uma dada sociedade ao consumo.

A literatura promove na criança o pensamento crítico e a (re)formulação de suas convicções. Para tanto, no ato de selecionar obras, o professor deve ter em mente o tipo de discurso presente no texto para extrair do seu jovem leitor o máximo possível que a literatura possa oferecer. Por isso devemos considerar que o livro para crianças é um objeto estético e que deva ser reconhecido como arte, além, claro, de perceber sua capacidade de construir um espaço textual da plurissignificação do ser humano diante do mundo.

Por isso, o objetivo geral deste estudo é provocar uma reflexão sobre a importância de que os textos selecionados para iniciação e formação literária da criança priorizem o discurso estético.

As práticas literárias com textos que priorizam o discurso estético para criança contribuem para a formação do pensamento crítico, possibilitando as vivências éticas e estéticas e o conhecimento de outras culturas, ou seja, as experiências a ser vivenciadas pelas crianças serão possíveis através da literatura, no entanto, para que sejam experiências de qualidade será necessário que os textos possam ajuda-

las a adquirir as expectativas sobre como é o mundo, que possa refletir sobre os preconceitos, que possam superar e resolver problemas, fazer questionamentos e aprender a lidar com o mundo em sua volta. Sendo assim, tentarei provar que os textos da literatura infantil que contém as características estéticas são ferramentas importantes, pois permitem que a criança reflita.

Dessa forma, a presente monografia trará um capítulo destinado a reflexão da história da Literatura, principalmente, no mundo e no Brasil destacadas pelas autoras Lajolo & Zilberman (2007). No capítulo seguinte será abordada uma análise caracterizando as especificidades do discurso estético e na sequência apresentará um estudo que contrapõe o discurso utilitário e o “utilitário às avessas”, destacando o teórico Perrotti (1986), entre outros, que serão elencados nas referências. E, finalmente, para fechar este trabalho será analisada a obra *Kaba Darebu* (2002), de Daniel Munduruku sob alguns aspectos relevantes, especialmente, em relação recursos utilizados para privilegiar o discurso estético

2.LITERATURA INFANTOJUVENIL: BREVE HISTÓRICO

A origem da literatura para crianças, comercialmente conhecidas no mundo, é do século XVIII, pois, anteriormente, falava-se em textos adequados a criança, já que os escritos não eram confeccionados a elas diretamente, nessa classificação, segundo Lajolo & Zilberman (2007), estão: as *Fábulas* (LA FONTAINE, 1668/1694), as *Aventuras de Telêmaco* (FÉNELON,1917), e, ainda, Perrault com a obra: *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades* (1697).

Ainda as mesmas autoras ressaltam que os escritores franceses foram os que predominaram nos escritos para as crianças. Porém, a ampliação do evento se deu com a o início no período da industrialização, que implantou uma nova ordem econômica e social nas grandes cidades, as quais recebiam grandes levas de famílias da zona rural, que buscavam oportunidade de empregos.

Essas famílias vindas da zona rural se viram implicadas no crescimento desordenado das cidades, que resultou no aumento rápido da população e excesso de oferta de mão de obra diminuindo a oferta de emprego, pois as fábricas não conseguiram reter todos esses trabalhadores. Sem trabalho para se manterem, instalaram-se nas periferias dos centros urbanos, no entanto, as periferias não ofereciam estruturas adequadas para sobrevivência mínima desejada às famílias, causando a elevação da criminalidade e a marginalização dos mais pobres, situações que presenciamos até hoje.

Enquanto inchava a periferia de desempregados e de subempregados, a população burguesa mantinha-se crescente e poderosa, então no poder, ditava as regras para a sociedade, estrategicamente, essa classe social abraçou as instituições para que trabalhassem em seu benefício.

Entre essas instituições estava a família. Para ela foi determinado uma divisão do trabalho entre os integrantes: ao pai coube a sustentação econômica, e a mãe o gerenciamento da vida doméstica privada (LAJOLO & ZILBERMAN, 2007, p.16). Nessa divisão de papéis, a criança foi colocada como o ser que deve ser preservado no espaço restrito familiar, mas ela adquiriu o prestígio social e o direito a aquisição de bens, portanto, passou a ser visada como consumidora ávida, sobre a proteção total da família, posto que frágil, indefesa e dependente do adulto.

Outra instituição que colaborou com a sociedade burguesa e com a família nessa nova empreitada foi a escola, que passa ser a autoridade mediadora entre criança e a sociedade. Ela acaba assumindo o papel de disciplinadora da sociedade. Juntamente com a literatura passa ser a ferramenta doutrinária nessa empreitada. Neste contexto, abre-se o espaço para produção dirigida ao público infantil, como o material escolar e os livros para crianças.

Neste sentido, o gênero dirigido à infância está no bojo dos processos que vêm marcando a sociedade contemporânea desde os primeiros sinais desta, permitindo-lhe indicar a modernidade do meio onde se expande. Tem características peculiares à produção industrial, a começar pelo fato de que todo livro é, de certa maneira, o modelo em miniatura da produção em série. E configura-se desde sua denominação – trata-se de uma literatura para – como criação visando a um mercado específico, cujas características precisa respeitar e mesmo motivar, sob pena de congestionar suas possibilidades de circulação e consumo. (LAJOLO & ZILBERMAN, 2007, p.17).

No trecho acima as autoras exemplificam sobre o tipo de produção que predominaram durante séculos, era uma literatura encomendada para uma específica classe social, que atendia a função notadamente pedagógica e tinha no discurso o pretexto de influenciar e difundir os preceitos da burguesia, ou seja, as obras produzidas afiançavam os valores dessa sociedade.

Para as crianças dessa sociedade, durante o século XIX surgiu na literatura a obra *Os irmãos Grimm* (1812), que, com os contos de fadas, passou a ser “sinônimo de literatura para crianças”, (LAJOLO & ZILBERMAN, 2007, p.19). Seguiram o caminho das narrativas fantásticas os *Contos* (ANDERSEN, 1833), Lewis Carrol (1863) com *Alice no país das Maravilhas*, também *Pinóquio*(1883) e *Peter Pan*(1911), essas histórias, entre outras, embalam, ainda, não apenas as leituras das crianças, mas, também, segundo as autoras, “todos os autores da segunda metade do século XIX”(LAJOLO & ZILBERMAN, 2007, p.20). Estes carregam características dos modelos burgueses e capitalistas.

Já no Brasil, quando inicia a chamada literatura infantil, também se nota as mesmas especificidades das obras europeias, apenas acrescenta-se particularidades ao gênero, no entanto, não fugiram ao padrão de escrita das histórias dos europeus.

2.1 LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

No Brasil, nota-se as primeiras aparições de obras destinadas a crianças após abolição dos escravos e inserção do modelo econômico republicano, que seguia os modelos europeus de modernização e que se empenhou, também, no incentivo à alfabetização; à época, predominava no país de uma população iletrada.

A elite econômica brasileira do século XX se concentrava, em grande medida, às voltas com a cultura cafeeira que teve que adaptar-se ao novo modelo de economia imposto pela Inglaterra, que incentivou o desenvolvimento das cidades, a criação de novas escolas, que até aquele momento era escassa e atendia apenas os filhos dos mais ricos. Em decorrência da urbanização promovida pelo novo modelo, impulsionou-se a indústria cultural e proporcionando o aparecimento da literatura para as crianças (LAJOLO & ZILBERMAN, 2007).

O destaque da literatura para crianças no Brasil foi a publicação da revista infantil *O Tico-Tico* (1905). Foi de grande sucesso e destacou-se pelas características das personagens que compunham o imaginário infantil do brasileiro, pois referendava um grupo específico de consumidor.

Nesse período destaca-se, também, as produções que vieram para Brasil com adaptações, através de Portugal, como os contos de fadas dos modelos europeu que seguiam o rito do discurso de formação dos cidadãos. Estes tinham a intenção de contagiar o leitor com o amor à pátria, de ensinar as crianças a serem alunos disciplinados e obedientes, entre outras virtudes.

Sendo, no entanto, os livros infantis e os escolares os que mais de perto nos interessam, cabe justificar a aproximação entre ele, acrescentando que, para a transformação de uma sociedade rural urbana, a escola exerce um papel fundamental. Como é a instituição escolar que as sociedades modernas confiam a iniciação da infância tanto em seus valores ideológicos quanto nas habilidades técnicas e conhecimento necessários inclusive à produção de bens culturais, é entre os séculos XIX e XX que se abre espaço, nas letras brasileiras, para um tipo de produção didática e literária dirigida em particular ao público infantil. (LAJOLO & ZILBERMAN, 2007, p.23)

Como na Europa, a sociedade brasileira, também segue a tendência de empoderar a escola como instrumento moralizador da criança através das obras direcionadas a elas, que propunham impregnar de sentimento patriótico. Os textos tinham como único modelo protagonistas que eram crianças exemplares ou extremamente cruel e desleixada, modelos que se distanciavam da realidade das crianças.

[...] a produção e circulação no Brasil desta literatura infantil patriótica e ufanista se inspira em obras similares europeias[...] que o programa nacional de uma literatura infantil a serviço de um determinado fim ideológico é bastante marcado por um dos traços mais constantes da literatura brasileira não-infantil; a presença e exaltação da natureza e da paisagem que, [...] permanece como um dos símbolos mais difundidos da nacionalidade. (LAJOLO & ZIBERMAN, 2007, p.37).

No grupo de brasileiros estavam, no contexto nacionalista: Olavo Bilac, Coelho Neto, Julia Lopes de Almeida e Tales Andrade os quais encerram o primeiro período da literatura para crianças, com a publicação de *Saudade* (1919), que exalta a natureza brasileira, vendendo a imagem do Brasil, onde a agricultura trazia riquezas e felicidade para todos.

Quanto à linguagem utilizada no período das publicações, século XX, predominava, segundo as autoras, a preocupação com escrita correta, ou seja, a reprodução dos vernáculos de origem ocidental, predominantemente a forma imperativa, como a produção infantil, *Histórias de nossa terra*, de Júlia Lopes de Almeida, na qual marcou a preocupação excessiva do uso correto da Língua Portuguesa (LAJOLO&ZILBERMAN,2007).

Com Monteiro Lobato e suas obras inaugura-se uma nova década da literatura para crianças, seus escritos apresentam linguagem acessível, que interagem com leitores mirins, as histórias como *Narizinho Arrebitado* (1921) que foram adotadas pelas escolas.

Contrapondo a obra de Tales de Andrade, que fazia exaltação a prosperidade inverídica produzida pela agricultura no Brasil, Monteiro Lobato publicou o livro intitulado *Urupês* (1918), no qual a mesma natureza, o mesmo espaço agrícola, que foi descrito por Tales de Andrade é apresentado por Lobato. Porém, no texto deste último aparece a miséria em que a maioria da população vivia. Na figura da personagem Jeca são mostradas a doença, a pobreza, a desnutrição causada pelo descaso dos governantes e atraso económico do país.

A obra de Lobato também trouxe as inovações estilísticas e linguísticas: valorizando as variações da língua brasileira, até então banida dos textos, e, ainda, um discurso desprendido do discurso utilitário.

Na década de 70 surgem, mesmo que timidamente, outros autores que serão estudados nas próximas páginas deste trabalho, os quais seguiram os traços de Lobato e começaram a estruturar uma nova literatura infantil traçando características com humor e criatividade. Usando linguagem clara, simples e moderna, ainda

trouxeram conteúdos sobre a sociedade brasileira contextualizada com realidade e, especialmente, buscaram desvencilhar-se dos textos com cunho didático e incluíram a linguagem artísticas buscando expressar com naturalidade, dando, com isso, liberdade de reflexão ao leitor, sem preconceitos, sem verdades universais.

3 DISCURSO UTILITÁRIO E O “UTILITARISMO ÀS AVESSAS” VERSUS DISCURSO ESTÉTICO

Para entendermos como surgiu o discurso estético na literatura infantil, necessariamente, precisamos conhecer os meandros do discurso utilitário, pois ele antecede e contrapõe ao tema em questão.

Segundo Perrotti (1986), a priori os discursos dos textos literários para crianças e jovens até os anos 70 tinham o propósito de ensinamento. Primeiramente, eram utilizados como mercadoria de imposição de poder de uma classe da sociedade, ou seja, para fins não exclusivos aos princípios que a arte propõe.

Ainda de acordo com Perrotti (1986), os trabalhos publicados desde do século XVIII até a década de 70 só tinham o cuidado com a elaboração do discurso no que podia constituir “um entrave para o ensinamento”, pois não se importavam com “a coerência interna das narrativas, em nenhum dos seus aspectos: personagens, enredo, tempo e espaço” (p.27). Já que os textos literários direcionados às crianças, produzidos nesse período, tinham a preocupação de completar as atividades pedagógicas.

Os textos com objetivos de moralizar e completar as ações pedagógicas são denominados utilitários por Perrotti (1986), pois “buscam oferecer as crianças e jovens atitudes morais e padrões de condutas a serem seguidos, ordenado os elementos narrativos em função de tal finalidade exterior” (p.117), são textos revestidos para literatura, mas com a função de propagar apenas os valores de uma dada sociedade, neste caso, propagar as ideias da burguesia europeia durante século XVIII.

Nada de novo nesse sentido, não fosse a hipertrofia excessiva desse papel de transmissão que levou essa literatura não apenas a veicular a ideologia burguesa, como também veicular de um certo modo: utilitariamente. A diferença de natureza, ou seja, o “discurso estético” cede lugar ao de propagando de um estilo de vida, ao “discurso utilitário” (PERROTTI, 1986, p.28)

O trecho acima de Perrotti, exemplifica o porquê das críticas do autor, pois, enquanto os textos literários que priorizam o discurso estético se orientam para além de si mesmo, são dotados de autonomia e se estruturam segundo critérios da sua performance interior, o discurso utilitário não tem um desenvolvimento essencial envolvente e prioriza apenas a caracterização da ideologia de um grupo em detrimento de outros.

Entre as diversas críticas de Perrotti ao discurso utilitário, destacamos a de que o discurso utilitário, não oferece ao leitor a possibilidade de diferentes interpretações e que podem ter significados preconceituosos e partidário, enquanto que no discurso estético há várias facetas que possibilitam aos leitores há construir diversos entendimento ao texto.

Sartre defende com convicção uma atitude compromissada do escritor frente à realidade. A palavra para ele é uma arma no sentido de que, por meio dela, o escritor pode e deve desvelar para o leitor a alienação que lhe é imposta pela sociedade burguesa[...]deve fazer de sua pena um instrumento de revelação das estruturas sociais que oprimem os homens[...]. Por isso, a função do escritor é “desvelar o mundo singularmente o homem aos outros homens para que estes tomem, em face do objeto desnudado, a sua inteira responsabilidade”. (PERROTTI,1986, p.34)

Para Sartre, as obras devem ter a função de desalienar o leitor, ou seja, os textos necessariamente devem ser engajados nas causas que liberte da opressão que a burguesia impõe aos cidadãos. No entanto, Perrotti vê problema na maneira como são expostos esse engajamento nas obras, pois ele acredita que a literatura não deve se colocar a serventia de quaisquer grupos.

Entre os problemas do discurso utilitário citado por Perrotti está a tentativa de “convencer o leitor de determinado ponto de vista do autor” (1986, p.38), em que a única verdade é a do narrador, já que ele é o mensageiro da classe burguesa, por isso, acredita o autor, que se fossem oferecidas obras do discurso estético poderia germinar nos filhos da burguesia princípios ideológicos que sufocariam a ascensão de qualquer outra classe.

Enquanto o discurso utilitário atende aos anseios da burguesia e buscam convencer o leitor a qualquer custo, o discurso estético caminha para a renovação de conteúdos e mudança na posição do ponto de vista, abrindo espaço para os questionamentos do leitor.

Surge também nesse período os novos autores que contestam e discordam do conteúdo do discurso utilitário, publicam obras nas quais destacam afetividade, a

interação da criança e ainda a sabedoria popular, mas, que não rompem totalmente com o utilitário e, por isso, são caracterizados por Perrotti de “utilitarismo às avessas”, eles trazem algumas características do discurso estético, mas nas entrelinhas oscilam para discurso utilitário:

Se o discurso utilitário ajustou-se às expectativas de ordenação metódica da burguesia, era de se esperar que autores da nova literatura questionassem tal atitude também a nível da organização do discurso, uma vez que questionaram sempre os valores que sustentam tal ordem: sexismo, preconceito racial, etnocentrismo, antropocentrismo, vida afetiva meramente formal, saber como instrumento do poder, individualismo etc. Todavia, não foi isso que se viu. Ao contrário, foi comum, a nível discursivo, o uso do discurso utilitário como modelo do “utilitarismo às avessas”. Este consistiu no questionamento dos conteúdos burgueses, dentro de padrões discursivos idênticos ao utilizado pela tradição, ou seja, dentro do modelo utilitário. [...] apenas mudavam de feição, adaptando-se aos interesses contemporâneos que reclamam novas formas de “ordenação metódica” da sociedade. (PERROTTI, 1986, p.117-118)

Alega o autor que as obras começaram a apresentar novos aspectos, mas que apesar do empenho para desvencilhar do discurso utilitário – como a da autora Ana Maria Machado em *“Raul da Ferrugem Azul”* que apresenta perspectiva completamente diferente das narrativas até então publicadas – conservavam recursos como a manipulação. Sendo assim, o texto cria uma atmosfera que não era ensinamento, no entanto “a fala das personagens não é, dessa maneira, outra coisa senão a fala do autor, assim como a organização do todo narrativo não é obra do narrador, mas desse dissimulado autor” (PERROTTI, 1986, p.125), por isso, o autor considera essa obra como “utilitarismo às avessas”, ou seja, o discurso presente busca um impacto sobre o leitor.

Ana Maria Machado é citada por Perrotti como uma das mais importantes, no Brasil e exterior, escritoras de literatura infantil que apesar de se esforçar ainda deixa aparecer os resquícios do utilitarismo, ou seja, ela não vence “o peso da tradição sobre o desejo da renovação”, pois, apesar de ter visão distinta do autor convencional, apresentar a mulher como atuante, legitimar a cultura popular como forma de emancipação, ele produziu alguns textos em que prevalece o discurso utilitário, “isso mostra as dificuldades por que passa toda tentativa de renovação na área de cultura[...]”(PERROTTI, 1986, p.132).

Não só Ana Maria Machado sucumbiu ao tradicional discurso utilitário, o autor Perrotti cita também: Ruth Rocha com *Marcelo, Marmelo, Martelo* (1976) e Fernanda Lopes de Almeida com *A curiosidade Premiada* (1978), pois são narrativas que apresentam algumas características do discurso estético, “como liberdade,

individualidade, respeito à criança, etc.” (PERROTTI,1986, p.132), no entanto, têm a pretensão de exercer a autoridade parcial sobre a criança. Mas, também, há textos da mesma autora Ruth Rocha que superaram o discurso utilitário, os quais descreveremos nas próximas páginas.

4 O DESPONTAR DO DISCURSO ESTÉTICO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL

O tipo de discurso apresentado nos textos até o século XX, cujo principal objetivo era a moralização, condizia com a pedagogia do ensinamento e era apropriado aos olhos dos críticos dos textos literários, porque, segundo Laura Sandroni (2001), as mudanças sociais ocorridas ao longo dos séculos são as responsáveis pelos novos raciocínios de discurso na literatura.

Os primeiros responsáveis pela mudança do discurso são as denominadas escolas literárias como: “o classicismo, o romantismo, o realismo, o modernismo” (SANDRONI in SERRA, 2001, p.55), entre outras escolas que buscavam apresentar novas linhas de pensamento, sempre rompendo com as anteriores e juntamente com nova geração de autores que se uniram aos artistas plásticos, aos pintores e escultores.

No entanto, as novas linhas de pensamento que surgiram nas escolas de literatura não foram suficientes para banir as características pedagógicas das obras destinadas a crianças e jovens. Mas na década de 1920 surge o autor Monteiro Lobato que traz nos seus textos um novo tipo de discurso, apesar dos objetivos pautarem a formação da criança e jovem, Lobato doou ao leitor a chance de interagir com texto, pois para ele o leitor é um ser ativo, perspicaz e habilidoso para obter de si as resoluções que a vida exige. (PERROTTI,1986)

Mas Lobato foi um exemplo ilhado por muito tempo na literatura infantojuvenil brasileira no que toca o modelo discurso estético. Para Perrotti, o padrão de sociedade conservadora que mantinha o Brasil, dificultou-se, demasiadamente, o surgimento de autores para seguir o modelo de discurso que Lobato inaugurou.

A retomada do discurso que implantou Monteiro Lobato deu-se na década de 70 com a nova geração de escritores, que preocupados com o discurso renovaram as narrativas e conseqüentemente romperam com o utilitarismo.

Dentre os escritores que abandonaram o uso do discurso utilitário em seus textos estão; Lygia Bojunga Nunes com a publicação de: *Os colegas* (1972) e *Corda-Bamba* (1979), *O que os olhos não veem* (1981), de Ruth Rocha, e ainda a obra *O caneco de prata* (1971), de Joao Carlos Marinho Silva, que segundo Perrotti é o exemplo incontestável do novo meio de produzir narrativas.

Perrotti os considera “como autores sensíveis não somente aos novos conteúdos, como também ao fazer literário” (PERROTTI, 1986, p.132). Além desses autores citados que romperam com o tradicional, foi crescente novos autores tornarem-se adeptos ao discurso estético, apesar da nomeação ser bastante nova para muitos escritores brasileiros, o legado de textos que apresentam o discurso estético também consagra a geração contemporânea, como é o caso de Daniel Munduruku, pois seus textos não fazem parte do modelo e narrativa tradicional vinculado à literatura infantojuvenil.

Porém, a nomeação de estético não era muito usada na literatura para crianças e jovens, segundo Sandroni (2001), mas a partir do surgimento dessas escolas literárias os autores de textos para crianças buscavam se adequar ao conceito de “novo belo”, o que não apresentou mudanças significativas no conceito de beleza utilizado nos textos pelos autores.

A medida mágica e fantástica da literatura e da leitura diz respeito, portanto, a essa gama de emoções; transitar por elas não se reduz simplesmente a deleitar-se, satisfazer-se com fáceis soluções, ou anestesiar-se com alegrias banais, amar apenas superficialmente e desconhecer o ódio. Porque a grande literatura se constrói com a complexidade das paixões, e, por isso, lida também com a relatividade e as oscilações[...]. Crianças, jovens ou adultos, carregamos todos a mesma condição originária que nos acompanha[...]. Ludicamente a criança pode participar de grandes questões, como vários textos de qualidade nos mostram. (SANDRONI in SERRA,2001 p.83;84)

Conforme expressa a autora Sandroni (2001), um dos propósitos dos textos literário é o da recreação e o do discurso estético na literatura é de contribuir ludicamente com a criança pela magia e mundo da fantasia.

A autora acredita que a literatura não foi criada para atender os propósitos do utilitarismo, pois ela deve atender aos propósitos da fascinação e da linguagem secreta, já que é possível haver aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo da criança com bons textos literários.

A positiva relação emocional entre a criança e o que ela lê, como leitora iniciante e, depois, fluente e independente, vem dos poderes mencionados, que a mantêm profundamente atenta e ativa. Eles são mola eficaz para o desenvolvimento arejado da mente, cuja percepção tenderá a aprender e a expressar equilibradamente, em consonância com o amadurecimento da consciência, que respaldará relações vigorosamente criativas e sensíveis da subjetividade com o mundo exterior ao longo da vida. (RESENDE in SERRA,2001, p.86)

Por isso que os textos oferecidos às crianças devem ser sensíveis à percepção do leitor, cuidadoso com a linguagem e a estrutura deve fugir da organização sistemática, pois segundo Perrotti (1986) os textos literários não devem oferecer ao leitor um receituário de como a vida deve ser.

Entre os exemplos de modelos de narrativas que trazem as características de obras que evidenciam o discurso estético, Perrotti (1986) cita o texto “*Corda-Bamba*” (NUNES,1979) no qual a autora no decorrer da construção do texto coloca-se vis-à-vis com o acontecimento, deixando um espaço entre autor e leitor, em que o leitor possa juntar com pedaços do seu conhecimento e dar sentidos ao texto criticamente.

Corda-Bamba, ao contrário de obras que visam à “ordenação metódica” do mundo, rompe definitivamente com tal postura e propõe-se ao leitor como um local de oscilação – a “*Corda Bamba*” – onde são incertos os limites entre o possível e o impossível, entre o ser e o parecer. A formulação do seu discurso é coerente com essa circunstância, na medida em que assimila tal ambiguidade, transferindo-a, em decorrência, para o leitor. A autora está ali lembrando sempre: “Este é meu mundo. Entre nele, se quiser.” (PERROTTI, 1986, p.135)

A narrativa *Bisa, Bia, Bisa Bel* (1981) de Ana Maria Machado é outro exemplo, segundo o autor, de transposição do utilitarismo para o estético, neste texto diferentemente da obra *Raul da ferrugem azul* a autora exterioriza o cuidado em “auto questionar-se”, produzindo uma narrativa rebuscada, na qual autora não passa apenas informação ao leitor, como também interage com as personagens.

Da autora Ruth Rocha a narrativa em terceira pessoa *O que os olhos não veem* é mais um exemplo de superação de utilitarismo. Apesar de considerado por Perrotti como um texto envolvido com uma causa, e sem demagogia, e construído em redondilhas, como nas obras da literatura de cordel, a autora assume o “seu próprio discurso, o narrador, apesar dos compromissos com a “causa”, deixa espaço para reflexão, [...] “quem conta um conto, aumenta um ponto”, (PERROTTI, 1986, p.138), ou seja, o espaço proposital criado pela autora possibilita ao leitor recriar a seu conto, como propõe do discurso estético.

Helena Rodarte escreve em *A estética nos livros para crianças e jovens* (in SERRA, 2001) que devemos pensar na criança como receptora que reivindica a seriedade, a dedicação, o conhecimento e autor habilidoso. Ela enfatiza que deve respeitar o leitor, ainda ter a sincronia com ele.

Segundo a autora, a maioria dos textos atualmente são demasiados “práticos, rápidos e eficientes[.] A linguagem reduzida. Objetiva e Pobre” (RODARTE in SERRA, 2001, p.49). Com isso a qualidade fica retraída muitas vezes pelas ideias pragmáticas e fogem do aceitável como estético, porque, segundo ela, quando há a soberba do discurso prático acaba-se por deixar de lado o senso estético, pois para a autora não é possível ser rápido e eficiente como condiz o pragmatismo e ainda priorizar estético, já que no pragmatismo as sensações têm que ser imediatas e contundentes, descarta as divagações e as sutilezas, diferentemente do que reivindica o discurso estético.

Sendo assim, a criança preparada com bons textos literários terá o desenvolvimento equilibrado diante das escolhas literárias ao longo da vida adulta, pois o “contato da criança com a arte literária equivale a investimento precioso”, (RESENDE in SERRA, 2001, p.86), por isso, cabe aos professores e educadores as escolhas dos textos que priorizam o discurso estético, porque eles despertam o desejo, produzem a relação de cumplicidade entre os leitores “com naturalidade”, pode “seduzir, conquistar, favorecer à criança o contato com a beleza do universo encantador”. (RESENDE in SERRA, 2001, p.88). E isso contribue de forma significativa para formação do leitor literário.

5 UMA LEITURA DA OBRA KABÁ DAREBU DE DANIEL MUNDURUKU

A obra será analisada a partir da observação das especificidades do discurso estético que foram priorizadas no texto. No entanto, antes de adentrarmos ao texto dispensaremos algumas linhas sobre o autor Daniel Monteiro da Costa (Daniel Munduruku).

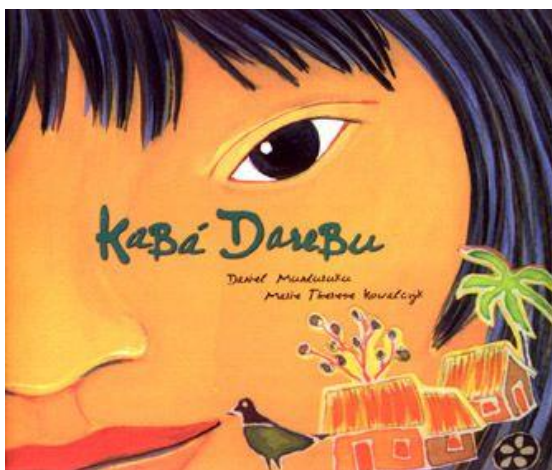
O autor é graduado em Filosofia e licenciado em História e Psicologia e doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), Pós-Doutor em Literatura pela Universidade de São Carlos (UFSCAR) e autor de 50 livros, entre eles estão: *As Serpentes que Roubaram a Noite* (2001), *Outras Histórias Indígenas de Assustar* (2010), *A Palavra do Grande Chefe* (2008), *Outras Histórias Indígenas de Amor* (2007), e *Contos Indígenas Brasileiros* (2005).

Mas foi durante sua atuação como professor que as histórias entraram na sua vida e então tornou-se contador de histórias: “Eu saía contando histórias nas escolas, nas praças, nas casas dos amigos. Tempos depois, isso fez com que eu começasse a escrever minhas próprias histórias, sempre com o olhar voltado para as crianças e os jovens”, contou Daniel Munduruku. E foram seus escritos que lhe renderam vários prêmios nacionais e internacionais, entre eles o Jabuti, o Melhor Livro Infantil pela Academia Brasileira de Letras, o Érico Vanucci Mendes (CNPq) e o Tolerância (Unesco). A maioria de seus livros recebeu o selo “Altamente Recomendável” da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Os merecidos prêmios ao autor deram-se pela iniciativa em produzir textos literários que desconstrói o imaginário que a maioria da população tem em relação ao conceito errado de “índio” e seu fardo figurativo que o nome abstraía, pois, o índio foi por muito tempo descrito pela história como um ser parco e insignificante, e, quiçá, é visto por muitos como ser “estranho” e associado de maneira preconceituosa e ultrapassada.

A obra *Kabá Darebu*, objeto de análise deste trabalho apresenta um povo indígena ao leitor, usando a linguagem simples, a poética e a naturalidade em que desencadeia o tema é de suma importância para a compreensão do leitor, mas, como prioriza o discurso estético o autor teve o cuidado de não impor seu ponto de vista.

Figura 1- Capa do livro Kabá Darebu



Fonte: Google imagens - <https://www.google.com/search>.

O livro inicia com o narrador apresentando-se com 7 anos de idade: “Meu nome é kabá Darebu [...]tenho 7 anos e sou do povo munduruku¹” (MUNDURUKU, 2002, p. 3). Ao iniciar a narrativa: com uma criança contando sua vida de indígena, sem apresentar como o menino narrador, o autor deixa margem para que o leitor-criança vá com a leitura descobrindo quem é o narrador.

O cuidado do autor com a elaboração do texto pode ser percebido quando o mesmo se coloca como uma criança, presumindo uma aproximação do leitor, aumentando a possibilidade de interação entre eles, isso “restitui a antiga comunhão etária adulto-criança que a sociedade burguesa dificultou” (PERROTTI,1986, p.152) e coloca o autor no mesmo alcance de visão da criança-leitor.

No trecho “Nossos pais acreditam, e nós também, que as doenças são espíritos ruins que entram na gente quando estamos desatentos, em forma de dor de barriga, dor de cabeça, malária, febre, machucados, fraturas... (MUNDURUKU, 2002, p.20), o autor “Cria espaço para participação do leitor, para que este se defina face aos problemas tratados. Deixa, portanto, de ser autoritário, descolando-se do eixo da eficácia para o da participação. ” (PERROTTI, 1986 p.152). Há um espaço

Conheça os Munduruku:

Povo de tradição guerreira, até o século XIX dominava a região conhecida como Mundurukânia, no Vale do Tapajós (AM, MT, PA). Hoje, esse povo tem 11.630 membros (segundo dados da Fundação Nacional de Saúde, 2010) e luta pela integridade de seu território, ameaçado pelo garimpo de ouro e pelos projetos hidrelétricos na região.



¹ <http://www.plataformadoletramento.org.br/acervo-dica-letrada/519/narrativas-indigenas-conheca-as-historias-de-daniel-munduruku.html>. Acesso em 28/06/2017 10:57

criado pelo autor para que o leitor possa refletir e tirar suas conclusões, sem que se imponha o ponto de vista do autor.

Quando se trata de desconstruir o mito de que o índio é preguiçoso, Munduruku constrói o texto poético relatando a rotina de trabalho de seus pais, para que o leitor possa perceber que a rotina dele assemelha com a da criança indígena e, portanto, o que os separam são apenas os ambientes em que vivem.

Mamãe está
sempre comigo:
brincando,
trabalhando
na roça,
tomando banho...
E quando papai
chega da caça
ou da pesca
eu corro logo
para o colo dele...
Ele me abraça,
faz cócegas
na minha barriga...
Enquanto isso
Mamãe tá fazendo comida (MUNDURUKU, 2002, p.6-7)

Dessa forma, com linguagem simples e clara, Daniel Munduruku cria novos olhares sobre a imagem que temos ou possivelmente uma criança construirá com as leituras sobre o povo indígena brasileiro.

A linguagem poética, simples e clara é predominante em toda obra, e ainda a valorização da linguagem oral resgata a tradição de ouvir histórias contada pelos mais velhos “Eles se sentam conosco no pátio da aldeia, [...] eles nos contam histórias...[...] Essas histórias nos ensinam amar a Terra, nossa Mãe” (MUNDURUKU, 2002, p.19). Ele relata, também, as brincadeiras das crianças indígenas e o leitor pode perceber que as escolhas dos brinquedos não são muito diferentes da dele, que no ambiente das crianças indígenas, também, perdura as divisões por gêneros “Os meninos brincam de arco e flecha [...] jogar futebol. As meninas gostam de fazer bonecas[...] fazer comida” (MUNDURUKU, 2002, p.11-12) ou que, apenas, são bem comuns nos dois mundos.

Ainda, que a finalidade da literatura seja a de comunicar conteúdos que libertariam o leitor pelo desvelamento das estruturas de alienação que o enredam, o discurso literário teria sempre, apesar da instrumentalidade que seria sua condição e finalidade, uma medida mágica, gratuita que o aproximaria do jogo primitivo, realizado pela criança em sua aproximação com a linguagem em geral. Em certo sentido, pois temos aqui o jogo como elemento diferenciador da atividade literária, idéia, [...]. E tal idéia não é senão, “mutatis mutandis”, a de “desinteresse”, “atividade auto-remunerativa”, presente em outros autores. (PERROTTI,1986, p.35)

Não há dúvidas de que o texto trazido neste trabalho tem como potência um esboço de libertação do leitor das amarras dos séculos de histórias escritas que repassavam inverídicas vivências sobre os povos indígenas, as quais tinham o propósito a alienação e a construção do preconceito aos índios, e que nos distanciaram propositalmente de nossas origens, produzindo uma sociedade que tem vergonha de sua própria identidade.

Figura 2- Ilustração do Livro Kabá Darebu - Jogo de linguagem (p.23)



Fonte: Google imagens <https://www.google.com/search>

Portanto, é com sabedoria da vida que o autor tece esta obra expressando com seu discurso estético e imagens de Marie Therese Kowalezyk, que completam esse jogo de linguagem e permitem ao leitor-criança, jovem ou adulto a repensar sobre os ensinamentos repassados pelo discurso utilitário por décadas, que folclorizaram a sabedoria tradicional dos povos indígenas e de outros povos, subestimando a inteligência o leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa realizada, pudemos fazer uma breve reflexão acerca do discurso estético, trouxemos uma explanação dos discursos utilitários e o utilitarismo “às avessas”, pois, julgamos necessário conhecer essas vertentes para poder ter base comparativas de discursos utilizados em diversas épocas da literatura infantojuvenil.

Além disso, apresentamos uma descrição histórica da literatura infantojuvenil, os principais acontecimentos que interagem com o objeto de estudo, o discurso estético, os autores e suas obras ao longo dos séculos.

Por fim, a obra de Daniel Munduruku apresentada não é a única existente, sendo assim, não estão esgotadas as possibilidades múltiplas de leitura de ensino da literatura com as diversas obras que estão no mercado, desde que o professor leve em conta que deva priorizar obras em que prevaleça o discurso estético, apesar de sabermos que nenhum discurso é isento de intenção.

De todo modo, o discurso na obra *Kaba Darebu* não tem cunho formativo, à maneira que criticamos acima, não é utilitário e rompe com os preconceitos e estereótipos propagado por uma classe socioeconômica.

Nesse âmbito, a abordagem criteriosa da literatura infantojuvenil demanda as escolhas das obras para as crianças que ofereçam também a dúvida, questões sociais, a diversão, o voo imaginário, a possibilidade de escolha e a formação do pensamento crítico.

Tendo em vista os argumentos apresentados, não esperamos resolver os problemas relacionados à escolha dos professores no que tange as obras que serão lidas por elas para práticas em sala de aula, mas espera-se que tenhamos contribuído aqui para futuras reflexões e pesquisas de estudantes e profissionais envolvidos com o ensino de literatura para criança.

REFERÊNCIAS

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: histórias e histórias**. São Paulo: Ática, 2007.

MUNDURUKU, Daniel. **Conheça as histórias de Daniel Munduruku**. Disponível em <http://www.plataformadoletramento.org.br/acervo-dica-letrada/519/narrativas-indigenas-conheca-as-historias-de-daniel-munduruku.html>. Acesso em: 21/06/2018, 11:30:15.

_____. **Kaba Darebu**. São Paulo: Brinque-Book, 2002. p.28

PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.

SERRA. Elizabeth D'Angelo (org). **Ética, estética e afeto na literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Global, 2008.